

Eugênio Bucci: “Por um ensino de jornalismo mais próximo à realidade”

Eugênio Bucci: “Por a teaching of Journalism closer to reality”

Eugênio Bucci: “Para una enseñanza del periodismo más cercana a la realidad”

Recebido em: 31/10/2019

Aceito em: 05/12/2019

APRESENTAÇÃO

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Eugênio Bucci é professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Na instituição, coordena um projeto de pesquisa intitulado “Informação e Cultura Democrática”. Como jornalista, teve passagens pela Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), revista Época, jornal O Estado de São Paulo. Na Editora Abril, foi diretor de redação das revistas Superinteressante e Quatro Rodas. Nesta conversa com a Dra Maria Elisabete Antonioli, professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), Bucci defende uma maior aproximação dos cursos de Jornalismo com a realidade brasileira, critica aqueles que julgam assessoria de imprensa uma atividade jornalística e ainda opina sobre a presença das mídias sociais na formação do futuro profissional.

PRESENTATION

PhD in Communication Sciences from the University of São Paulo (USP), Eugênio Bucci is a full professor at the School of Communications and Arts (ECA-USP). At the institution, he coordinates a research project entitled “Democratic Information and Culture”. As a journalist, she has worked at Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Brazilian Communication Company (EBC), Época magazine, O Estado de São Paulo newspaper. At Editora Abril, he was editor-in-chief of Superinteressante and Quatro Rodas magazines. In this conversation with Dr. Maria Elisabete Antonioli, professor at the Higher School of Advertising and Marketing (ESPM-SP), Bucci defends a closer approach of journalism courses to the Brazilian reality, criticizes those who consider a press office a journalistic activity and still opines about the presence of social media in shaping the future professional.

PRESENTACIÓN

Doctorado en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de São Paulo (USP), Eugênio Bucci es profesor titular en la Escuela de Comunicaciones y Artes (ECA-USP). En la institución, coordina un proyecto de investigación titulado “Información y cultura democráticas”. Como periodista, ha trabajado en Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Compañía Brasileña de Comunicación (EBC), revista Época, periódico O Estado de São Paulo. En Editora Abril, fue editor jefe de las revistas Superinteressante y Quatro Rodas. En esta conversación con la Dra. Maria Elisabete Antonioli, profesora de la Escuela Superior de Publicidad y Marketing (ESPM-SP), Bucci defiende un enfoque más cercano de los cursos de periodismo a la realidad brasileña, critica a quienes consideran una oficina de prensa una actividad periodística y todavía opina sobre la presencia de las redes sociales en la formación del futuro profesional.



Maria Elisabete Antonioli

Doutora, professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)

mantonioli@espm.br

De uma forma geral, como você avalia o oferecimento dos cursos de jornalismo no Brasil?

De forma geral, acho que nós, como professores e como profissionais, precisamos encarar uma realidade desafiadora. Nossos cursos estão aquém das exigências do nosso tempo. Não me refiro apenas à tecnologia. É claro que nossos alunos precisam ter muito



mais familiaridade com as ferramentas digitais, etc, e aí também deixamos a desejar. Mas me refiro a algo além disso. Precisamos estar em linha com as fronteiras da profissão, no mundo todo, e em linha com as fronteiras da liberdade de expressão e o direito à informação na democracia.

Como você vê os cursos de jornalismo oferecidos no Brasil, em relação aos oferecidos em outros países?

Sempre me lembro da Escola de Jornalismo de Columbia. Como estive envolvido com a publicação da *Columbia Journalism Review* no Brasil durante alguns anos, acabei conhecendo mais essa escola que funciona em Nova York. Acho que eles estão mais adiantados do que nós do Brasil em matéria de dar atualidade ao curso de jornalismo. E eles insistem muito -- e corretamente -- na reportagem como pilar central da profissão.

Você acredita que existe algo que deve ser mudado nos cursos do Brasil? Em caso positivo, o que seria?

Muita coisa. Acho que um ponto fundamental é trabalhar melhor as diferenças entre assessoria de imprensa e jornalismo propriamente dito. Como não compreendem

[...] teríamos de enviar nossos alunos, com mais frequência, para o Brasil real: lugares onde há carência de tudo, lugares onde faltam assistência humanitária e educação.

bem as diferenças, os estudantes acabam não entendendo as semelhanças, e todos saímos perdendo. Teríamos que estudar mais o lugar da profissão dentro da democracia, teríamos que ter mais fundamentos de macroeconomia, teríamos que preparar melhor nossos alunos para criarem novas entidades jornalísticas (com e sem fins de lucro), teríamos que ensinar melhor o idioma e a matemática. E, fundamentalmente, teríamos de enviar nossos alunos, com mais frequência, para o Brasil real: lugares onde há carência de

tudo, lugares onde faltam assistência humanitária e educação.

Você acredita que as Diretrizes Curriculares para o Bacharelado em Jornalismo, promulgadas em 2013, deveriam passar por uma revisão? Qual o motivo?

Sobre esse ponto, acho que sim. As diretrizes são um bom documento e marcaram um avanço considerável, mas precisariam ser revistas regularmente. O que mais

me inspira urgência, ali, é a falta de uma visão da profissão como prática colaborativa transnacional e a necessidade de diferenciarmos com mais método a assessoria de imprensa e o jornalismo. A missão crítica do jornalismo, de questionar e fiscalizar o poder, não pode ser bem assimilada se ensinamos nas escolas que assessoria de imprensa é jornalismo.

Qual o perfil dos alunos que estudam jornalismo atualmente?

Posso falar mais pelos meus alunos da ECA-USP. Eles me parecem ótimos. Mas aí acho que não acrescento grande coisa, pois sempre fui fã dos meus próprios alunos. É uma deformação que tenho. Gosto deles. Teríamos que ter mais pesquisas a respeito e, como eu não estou familiarizado com as que existem, não devo emitir juízos sobre a matéria.

Nos EUA existe uma forte proximidade entre os cursos de jornalismo e as redações. Você acredita que no Brasil as mídias estão mais próximas dos cursos de jornalismo atualmente?

Sim. Você tem razão. Deveríamos melhorar nisso. Eu faço parte de um grupo de estudos, no Instituto de Estudos Avançados da USP, chamado Jornalismo, Direito e Liberdade. Na semana passada mesmo, numa reunião, um dos nossos integrantes, o jornalista e professor Ricardo Gandour, insistiu sobre esse ponto e ele tem toda a razão. Devemos aproximar as escolas das redações. E devemos trazer as redações para dentro das escolas.

Como você vê o impacto das redes sociais no jornalismo e na formação do jornalista?

O impacto é maior do que o que cabe numa resposta. Eu diria que as redes sociais mudaram tudo e as nossas escolas deveriam mergulhar de cabeça em pesquisas a respeito. Não deveríamos nos acomodar no papel de observadores passivos. As redes sociais não são jornalismo, mas há jornalismo dentro delas. As redes sociais sabotam a atividade das redações, mas também enriquecem as reportagens. Como lidar com isso? As nossas escolas deveriam ser as primeiras a ter respostas. Estamos na retaguarda, ainda.

Como você vê os cursos de Jornalismo nos próximos anos?

A missão crítica do jornalismo, de questionar e fiscalizar o poder, não pode ser bem assimilada se ensinamos nas escolas que assessoria de imprensa é jornalismo.

Eugênio Bucci: “Por um ensino de jornalismo mais próximo à realidade”

Um ambiente em mutação vertiginosa, mas um ambiente em que o humanismo tem lugar, com alicerces na filosofia, na ciência política, na economia, nas letras, na ética e na estética. Um bom lugar para estarmos, se tivermos coragem, desprendimento, curiosidade e generosidade.